

Hugo Sukman

Depois de mais de uma hora falando, com paciência e cortesia, sobre suas novas atividades como empresário, dono da gravadora Luanda Records, Djavan confessa ao repórter:

— Sabe que estou sentindo um certo desconforto em falar sobre essas coisas? É que eu sou um sonhador, um romântico, não um empresário...

Como sonhador, contudo, Djavan está se saindo bem empresário. Em apenas um mês com seu primeiro produto nas ruas — o CD "Vaidade" — a Luanda Records já poderia dar algumas aulas às multinacionais do setor de como comercializar discos na atual conjuntura de crise do mercado. "Vaidade" já vendeu, mesmo, à vista, 47 mil cópias. Está em quarto lugar na parada, a três mil do Disco de Ouro mesmo antes de fazer shows no Rio, que aconteceram entre amanhã e domingo no Claro Hall.

— Trabalhamos duro durante um ano para tentar vencer as incógnitas do mercado — começa a aula, quer dizer, entrevista, Djavan. — Uma empreitada dessas, que envolve da produção à distribuição, oferece muitos obstáculos. E a gente se preparou mesmo para vencê-los. O primeiro foi vender tudo à vista, evitar a consignação.

Na ansia de vender muito e em pouco tempo, e às vezes até maquiagem e exagerar números, gravadoras deixam milhares de discos em consignação nas lojas. Com risco de problemas financeiros: altos índices de devolução e mais grave, inadimplência.

— Somos novos no negócio, não podemos arriscar consignação — diz.

Música nova já é das mais executadas nas rádios

Lição número 2: Djavan não pagou o famoso jabá — a propalada verba de divulgação que rádios exigem para tocar as músicas, e lojas, para bem exibir os discos — e pelo menos uma música de "Vaidade", a balada "Se acontecer", é das mais executadas no país.

— Algumas pessoas pediram jabá, mas não pagamos — revela Djavan.

— Algumas rádios não tocam a música por causa disso, mas são poucas. Algumas lojas jogaram duro, exigiram cadastro, que são pagos, e nós não fizemos. Quebramos todos esses obstáculos. Mas a maior parte das pessoas do mercado foi generosa



DJAVAN, AGORA empresário, aposta: "A música não vai acabar nunca, mas o formato, a veiculação vão ter que mudar"

Leonardo Aversa

De Wisnik ao Rei Roberto desconstruído

• Mais à vontade que como empresário, entre amanhã e domingo Djavan sobe ao palco do Claro Hall para lançar "Vaidade", depois de um mês em São Paulo. Toca seis músicas do disco, como "Se acontecer" e "Tainá-flor", e novos arranjos para músicas famosas como "Flor-de-lis" e mais obscuras como "Nobreza". Mas o destaque está nas releituras: a pérola "Pérolas aos poucos", de Zé Miguel Wisnik, o compositor que mais o influencia no momento, e "Emoções", de Roberto Carlos, desconstruída.

— "Pérolas aos poucos" remete a um tempo que pode ser anos 50, 60, mas também o futuro. É uma música enigmática, das mais belas que conheço, de um músico raro — diz Djavan.

Lições do Djavan empresário

Cantor investe em sua gravadora e é bem-sucedido sem pagar jabá

com nosso projeto.

Outro tabu que a Luanda está quebrando é, no caso de um artista de primeira linha como Djavan, quanto a vende CDs na porta do show.

— Acho que as gravadoras não consideram venda em porta de show algo significativo — diz. — Mas, para mim, vender 250 discos por show, que é o que está acontecendo, é ótimo.

Outra vantagem da independência é poder negociar a melhor distribuição do disco em cada país.

— Antes, se a Sony de Portugal, por exemplo, não se interessasse no meu disco, não lançava e o prendia, impedindo que outro lançasse. Agora, negociamos país a país. Tem lugar em que vendemos para a Universal,

outro para a Sony, outro para a Warner ou mesmo para alguma independente. Estamos livres — diz Djavan. Apesar desses bons exemplos e da brincadeira do repórter, Djavan não quer dar lições.

— Se fosse outro artista, não sei se a coisa se daria da mesma maneira. Afinal, há muitos anos que administro toda a minha vida. Com estabilidade já relativamente assegurada, nada mudou muito. Sinto que as coisas ficaram mais concentradas no trabalho, o lançamento, a divulgação, tudo repercutiu melhor. O disco se expandiu pelo Brasil todo muito mais.

Os grandes problemas para quem, como ele, quer a independência no mercado, seriam o tamanho e a diver-

sidade de realidades por todo o país.

— O Brasil é um país enorme. E a venda não é algo tão natural, não é só ter o produto e vender. Cada venda é feita de uma maneira, cada região tem suas manias e isso ainda estamos aprendendo. Mas é claro que isso fica mais fácil de resolver no caso de uma carreira como a minha, que não tem problema de público — diz.

A partir da primeira experiência como empresário do setor, Djavan, que saiu da estrutura das multinacionais quando o seu "feeling acusou que seria bom", analisa o futuro do mercado:

— Para sobreviver, o mercado terá que se mexer. O formato vai ter que mudar. Não creio que as gravadoras fechem as portas. A música não vai ac-

abar nunca, mas o formato, a veiculação vão ter que mudar já que, quando a indústria criou o duplicador de CDs, assinou a sentença de morte do CD.

No estúdio de sua gravadora, no controle dos botões e do próprio destino, o sonhador Djavan alinha.

— Tenho que minha vida seja romântica, mas tem uma coisa muito particular nisso, que é jogar uma carreira bem-sucedida para uma dificuldade e ver quanto se pode dificultar algo que está ficando simples. Como a criança que pega um brinquedo, desconstrói para construir de novo. ■

© NO GLOBO ONLINE:

Ouça faixas do disco
www.oglobo.com.br/cultura

Saem os dez finalistas de prêmio literário

Augusto de Campos, Chico Buarque, Mirisola e Bernardo Carvalho foram selecionados

Daniela Birman

Enviado especial • SÃO PAULO

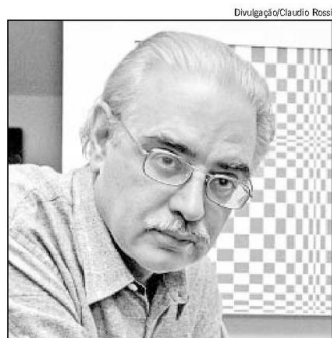
O Júri Nacional do Portugal Telecom de Literatura Brasileira, um dos prêmios de mais alto valor financeiro do país, anunciou terça-feira a lista de dez finalistas de 2004. Entre eles estão os poetas Augusto de Campos ("Não") e Paulo Henriques Brito ("Macau"), Sérgio Sant'Anna, com o livro de contos "O voo da madrugada", Manoel de Barros, com "Memórias inventadas", obra de prosa poética, e Marcelo Mirisola, com o romance "Bangalô". Os três vencedores — que receberão R\$ 100 mil, R\$ 30 mil e R\$ 20 mil, segundo a colocação — serão conhecidos em 9 de novembro, em cerimônia na Sala São Paulo.

Uma grande surpresa da votação — que não é dividida em gêneros — foi a escolha da poeta Micheliury Veruschik, selecionada por "Geografia íntima do deserto" (Landy). Micheliury conseguiu uma façanha e tanto. A autora pernambucana é a única mulher entre os dez finalistas e seu nome nem havia sido incluído numa lista anterior do prêmio, com os 30 livros mais votados por 213 críticos literários do país.

Entre os finalistas também estão vencedores do Jabuti deste ano. Um deles é Sérgio Sant'Anna, que com "O voo da madrugada" tirou o primeiro lugar na categoria de contos e crônicas. O vencedor do Portugal Telecom de 2003 — o ano de estreia do prêmio — também está presente entre os finalistas: Bernardo Carvalho, que no ano passado ganhou por "Nove noites", agora ficou entre os finalistas por "Mongólia", o livro com o qual conquistou o Jabuti deste ano na categoria Romance. Luiz Antônio de Assis Brasil, autor de "A margem inviolável do rio", e Chico Buarque, com seu best-seller "Budapeste", ambos premiados com o Jabuti (respectivamente, segundo e terceiro lugares na categoria Romance), também estão entre os finalistas.

Na opinião de Moacyr Scliar, integrante do júri, a lista dos finalistas é representativa do que se faz hoje na literatura brasileira:

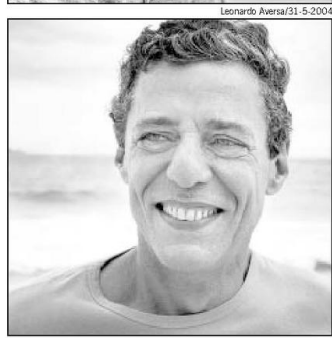
— Ela tem veteranos e estreantes, é equilibrada entre prosa e poesia e tem também um certo equilíbrio entre as regiões do país. O resultado foi justo e



Divulgação/Claudio Rossi



Divulgação/ader Rosa



Leonardo Aversa/31-5-2004



Gustavo Stephan

reflete um processo eleitoral isento, que consolida o prestígio do prêmio.

"Geografia íntima do deserto", de Micheliury, foi um dos dois livros com os quais a poeta estreou, no ano passado, quando lançou ambos na Bienal de Recife. O outro é "O observador e o nada". Um dos jurados que votaram em seu nome foi o jornalista e crítico Manuel da Costa Pinto.

— Foi uma grande e grata surpresa. E cumpre uma das coisas a que os

prêmios se destinam, que é revelar novos talentos. Seu livro combina uma poesia seca, rigorosa, construtiva, fortemente influenciada por João Cabral, com uma violenta sensualidade — disse Costa Pinto.

Outro autor menos conhecido do público, porém bem mais do que Micheliury, é o paulista Marcelo Mirisola, que pertence à chamada geração 90. Ele foi selecionado por "Bangalô", seu livro de maior domínio técnico e que é narrado

na primeira pessoa, uma marca de sua obra. Uma novidade do prêmio este ano foi a inclusão de obras de dramaturgia. Foi devido a essa mudança que a peça "Céu de Iona", de um dos criadores da poesia concreta, Décio Pignatari, ficou entre os finalistas. A obra ficcionaliza um pacto realizado entre Machado de Assis e sua mulher, Carolina. ■

DANIELA BIRMAN viajou a São Paulo a convite do Portugal Telecom

Continuação da página 1

Passada a polêmica, opositores também reconhecem avanços

Presidente de sindicato, Paulo Thiago apóia reformulação de fundos de capacitação

Presidente do Sindicato da Indústria Audiovisual do Rio de Janeiro, Paulo Thiago encaminhou ontem ao sindicato paulista para apreciação um comunicado em que diversas entidades do setor, de produtores a exibidores, manifestam preocupação com a condução do processo de elaboração do projeto, que poderia conduzir ao "diligência estatal sobre o conteúdo e a dinâmica das relações econômicas no setor audiovisual".

— Convocamos todos os agentes a apresentar um amplo projeto, reabrindo o diálogo com o governo e retomando a confiança mútua — diz Thiago. — O grande problema foi a agenda proposta inicialmente, que levava o anteprojeto em uma semana ao Conselho Nacional de Cinema e em mais uma semana ao Congresso. Sem falar na maneira dramática como as informações foram vazadas na internet.

Entidades de classe apoiam o projeto, com poucas ressalvas

Segundo o diretor, passada a gritaria, é possível apontar os pontos positivos do projeto, como a reformulação dos fundos de capacitação de cinema, que estavam parados.

Ainda segundo Thiago, o ministro José Dirceu, em conversa com o produtor Luiz Carlos Barreto, manifestou interesse em que as questões envolvendo a produção audiovisual sejam levadas também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento.

Em notas enviadas às redações, outras entidades apoiaram, com poucas ressalvas, os termos do projeto do Ministério da Cultura, entre elas a Associação dos Produtores e Realizadores de Filmes de Longa Metragem de Brasília (Aprocin), o Congresso Brasileiro de Cinema (CBC), assim como os cineastas Eduardo Escórel e Silvio Da-Rin. Já a seção carioca da Associação Brasileira de Cineastas (Abraci) se declara contrária à extinção da Ancine e a qualquer tipo de censura, mas se diz disposta a participar do aprimoramento de regulamentação da atividade. ■

